

[resenha] *Ciência Hoje* (SBPC, Rio de Janeiro), vol. 28, nº 168, janeiro-fevereiro 2001, 68-69.

Uma visão antropológica do conhecimento científico (Bruno Latour, *Ciência em Ação. Como seguir cientistas e engenheiros sociedade afora*, tradução do texto original em inglês por Ivone C. Benedetti, Editora Unesp, São Paulo, 2000, 440 p.)

Este livro do “antropólogo da ciência e da tecnologia” Bruno Latour já publicado em inglês (*Science in action. How to follow scientists and engineers through society*) e em francês (*La science en action*) há algum tempo é considerado uma espécie de clássico das concepções do “relativismo epistemológico” o mais radical.

Não se trata neste livro, à diferencia de obras anteriores do autor, de observar, dentro de um laboratório, os comportamentos e as práticas dos cientistas. O propósito é mais geral e sistemático : trata-se de entender, a partir de uma perspectiva “antropológica” o que é a ciência, não a ciência acabada (isto é, geralmente admitida) e justificada por seus sucessos, mas a ciência no momento da sua elaboração. Com tal intenção, a priori só posso concordar. É muito importante saber como os homens inventam esta forma específica de conhecimento que é a ciência, e entender como esta, apesar de ser invenção da mente humana (como diziam Poincaré e Einstein) se adequa tão bem com a natureza que é suposta representar. Não se pode ficar satisfeito com uma concepção da ciência segundo a qual esta seria puramente dada, verdadeira por sua própria autoridade e já existindo de todos os tempos, presente na nossa frente como uma caixa negra (ou um encaixamento de tais caixas) da qual a maior parte das pessoas ficaria ignorando os como e os porquê.

Assim vamos acompanhando a ciência tal como se constrói, segundo o primeiro passo do método anunciado pelo autor (no final, apresenta 7 regras metodológicas e 7 princípios, que são um resumo do seu tipo de aproximação, p. 421-424) : “nossa entrada no mundo da ciência e da tecnologia será pela porta de trás, a da ciência em construção, e não pela entrada mais grandiosa da ciência acabada” (p. 17). E : “peneirando a ciência a partir de fora, acompanhando discussões e cientistas até o fim, para finalmente irmos saindo aos poucos da ciência em construção” (p. 33).

O livro é constituído de seis capítulos correspondendo às diversas dimensões da investigação do autor, visando a determinar o que é “a ciência em ação”, como e por quem está feita. Estas dimensões são : a literatura (a conclusão é que significa pouco, não é nela que está o essencial, mas nas estratégias de persuasão), os laboratórios (cuja comunidade decide da verdade pelas negociações), as máquinas e os aparelhos (se supõe que resultam da verdade de um conhecimento, quando de fato são eles que a asseguram), a mobilização das pessoas (profissões e grupos de interesse, aliados e recursos para assegurar as posições nas controvérsias), os tribunais da razão (a fabricação da racionalidade pelos consensos sociais), e por fim, metrologia e abstração (esta última é inseparável da relatividade antropológica dos conhecimentos, quer dizer dos sistemas de *crências*). Os capítulos são distribuídos por pares em três partes, cujos títulos se referem à perspectiva adotada pelo autor : trata-se de *retórica*, de *pontos*

de argumentação, e de *redes*.

O autor nutre a ambição, através de sua aproximação, de chegar a uma ideia satisfatória não só do que é a ciência, mas a tecno-ciência, e daí, do que são os estudos sobre “Ciência, tecnologia e sociedade”, por uma caracterização do seu núcleo duro do ponto de vista conceptual, que seria comum a áreas e aproximações variadas. Daí sua justaposição freqüente de exemplos heterogêneos, tomados de um enunciado científico ou de uma escolha de uma tipo de máquinas, de descobertas científicas e da história da ciência bem como da vida social comum ou da etnologia. Claro, as especificidades aqui correm o risco de serem apagadas e as circunstâncias de serem misturadas, a consideração dos *contextos* gerais de diluir os *conteúdos* particulares. E quanto aos *enunciados*, o que interessa é somente de *ter sido pronunciados*, não o que *significam*. Significam só por ser pronunciados (tal é a essência do *pós-modernismo...*).

A admissão da “caixa negra” repousa sobre a idéia da separação das duas atividades, a do *contexto* e a do *conteúdo*. Pois bem, tudo aí vai depender de como se caracteriza o contexto. Para Latour, é simples : o *conteúdo* se confunde até se identificar com o *contexto*, e é este contexto que ele analisa em detalhe e, na verdade, reduz aos elementos que preparam o consenso. A racionalidade aqui não está em jogo, esta só no resultado, é decidida, após o sucesso, no que os filósofos da tradição “peri-analítica” chamam de *justificação*. O autor entro correndo na brecha aberta pelo desinteresse afirmado pelos filósofos durante decenias a respeito dos processos da *invenção científica* supostos irracionais. Aqui não se fala de *irracionalidade* (ver os dois últimos capítulos), mas nem da *racionalidade inicial* do problema considerado, e dos eventuais *passos racionais* do trabalho subsequente. O que se considera geralmente como elementos de racionalidade científica (das experiências ou dos textos apresentando os resultados) é visto como discursos de pura retórica, e a racionalidade é dissolvida na semiótica (veja, em particular, p. 147-148).

De fato, concluí, é a comunidade social do laboratório, na área considerada da ciência, que decide do que é tomado como pertinente e finalmente como verdadeiro. O saber adquirido é este do qual os especialistas se convencem. E Latour desvela a mistificação, ou a grande ilusão, segundo ele : a ciência constituída transtornou as proposições, pretendendo o contrario do que a *ciência em ação* nos ensina : seria o saber, por ser verdadeiro, que nos convence. Diz-se que é a Natureza que decide, mas, segundo Latour, a Natureza é colocada como a causa final da resolução das controvérsias somente quando estas são resolvidas e, então, ela é a consequência, não a causa (p. 161-162). Esta colocação não passa de ser um belo sofismo, se a palavra tem um sentido. E se têm muitos de mesmo quilate. No conjunto, a razão é apenas um andaime edificado em torno de palavras que exprimem nada mais do que os comportamentos sociais usuais de qualquer atividade humana. A ciência é oca, o rei está nu.

Redigido com vivacidade e para seduzir o leitor, o livro se lê facilmente, a não ser que este se sature de tantos sofismos no decorrer da demonstração. Precisamente por isto, o livro tem valor de documento, como exercício brilhante esclarecendo, por quem lê com recuo crítico, a natureza destas *idéias na moda* chamadas de “relativismo do conhecimento”, donde se brinca retoricamente com a ideia de verdade, e aproximações semióticas substituem a noção complexa (ou o problema) de realidade do mundo natural.

Parece que toda filosofia aqui está reduzida a fáceis paradoxos aparentes e a jogos com palavras. Será isso “antropologia” ? Pode ser uma especial, uma “antropologia do consenso” e da observação de fora, onde o investigador só observa as ações do tribo sem querer saber nada de sua língua nem os significados de suas palavras e de seus mitos, lendas e conhecimentos sobre seu meio ambiente. Pois tudo está ligado, a natureza e a sociedade, confundem-se os fatos e as frases que estes descrevem, e seria ilusório tentar aplicar o raciocínio, exercitar a razão, para distinguir elementos de compreensão. (Neste sentido, as regras metodológicas e os princípios afirmados são essencialmente negativos e comportamentais).

Logicamente, uma tal posição equivale a negar que existe razão e ciência, pois só há comportamentos. O *antropólogo* Latour parece ter-se transformado num *feiticeiro*, conseguindo, pelo poder só das palavras da sua semiótica retórica, em transformar toda realidade do mundo e toda verdade do conhecimento em fumaça de mágico e mera ilusão, mandadas pelos ares. Com tudo isso, tem muito sucesso : será um signo dos tempos ?

Michel PATY

Centre National de la Recherche Scientifique e Université Paris 7 D.Diderot

---